

Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho

*Geraldo Castro Cotinguiba **
*Marília Lima Pimentel ***

O Haiti

Localizado numa das regiões mais bonitas do planeta, Mar do Caribe, com uma população de cerca de nove milhões de pessoas, o Haiti amarga a condição de país mais pobre do Caribe e das Américas, com a maior parte da população vivendo em condições extremas de pobreza, recebendo menos de dois dólares por dia e, em 2010, apresentava um dos mais baixos IDH do mundo¹, de acordo com dados da ONU, ocupando a 146ª posição. A economia do país é baseada na produção agrícola de frutas, como manga e banana e de grãos, como café, arroz e milho. Se Porto Seguro representa para os brasileiros o berço do Brasil, o Haiti é o berço do chamado Novo Mundo, com a chegada aí de Colombo em 1492. De maneira semelhante, os haitianos simbolizam o começo de uma nova fase histórica das relações internacionais do Brasil, neste início de século, no âmbito da imigração e dos direitos humanos.

Com uma população majoritariamente de origem africana e uma história marcada pela escravidão no período colonial e pela exploração no período

* Membro do SPM/Arquidiocese de Porto Velho, pesquisador em Antropologia do Laboratório de Estudos da Oralidade-LEO/Universidade Federal de Rondônia.

** Professora da Universidade Federal de Rondônia, membro do SPM/Arquidiocese de Porto Velho.

pós-colonial (MANIGAT, 2004), o Haiti foi o primeiro país das Américas a abolir a escravidão negra e a instituir a primeira república negra do mundo. Sua história está marcada pela tensão étnica com a vizinha República Dominicana (ROSA, 2010); pelas ditaduras comandadas por *Papa Doc* e *Baby Doc* no período entre 1957 e 1971; pelas recentes intervenções, como a ocorrida na década de 1990 pela OEA (CÂMARA, 1998) e, atualmente, pela ONU, com a “Força de Paz”, a MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti), no momento sob liderança do Brasil. Diante do quadro acima exposto, no século XX, especialmente a partir da segunda metade, tem-se assistido à emigração em massa de haitianos para outros países em busca de melhores condições de vida, seja por liberdade política e social, seja pela busca de oportunidades de trabalho ou estudo e, nesse sentido, o Brasil figura hoje como um dos destinos da emigração haitiana.

Porto Velho

Fazendo divisa com os estados do Mato Grosso, Amazonas e Acre, Rondônia é também área de fronteira internacional com a Bolívia; sua capital, Porto Velho, está situada na parte norte do estado, à margem direita do Rio Madeira.

O estado de Rondônia tem, em sua formação social, um histórico de fluxos migratórios que ocorreram no contexto do que é localmente conhecido como “ciclos econômicos”, como o da borracha e do ouro. Atualmente, a capital rondoniense assiste a mais um desses ciclos, o das hidrelétricas do Rio Madeira, que impulsionou a vinda de milhares de pessoas de vários estados brasileiros em busca de trabalho e novas oportunidades de vida, especialmente para ganhar dinheiro. Nesse fluxo estão, indiretamente, os haitianos, que pelas circunstâncias como se deu o ingresso no Brasil, chegaram até a capital rondoniense através de encaminhamento do governo do Acre².

Essa não é a primeira vez que estrangeiros chegam a Porto Velho para trabalhar, no início do século XX, quando da construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré (BORZACOV, 2011), um grande contingente de imigrantes foi recrutado para trabalhar e dentre eles havia haitianos.

Em 2000, Rondônia contava com 1.379.787 habitantes e, em 2010, este número passou para 1.535.625, enquanto a capital passou de 334.661 para 410.520 no mesmo período³. O crescimento populacional tem relação direta com o ciclo econômico das usinas, por outro lado, as políticas públicas concernentes à segurança pública, saneamento básico, saúde, trânsito, moradia, infraestrutura e políticas sociais e culturais, não acompanharam o mesmo ritmo, tornando Porto Velho uma cidade com grandes problemas nessas áreas.

Os haitianos em Porto Velho

Primeiramente, esclarecemos o fato de que não pretendemos aqui generalizar quando nos referirmos aos haitianos. Utilizamos, neste artigo, a categoria

“haitianos” para nos referir à sua nacionalidade. As origens são várias, mesmo sendo tomados como uma categoria coletiva, suas práticas variam e no interior do grupo há diferenças, tais como: os que vêm do meio rural ou do meio urbano; do interior ou da capital; católicos ou protestantes; escolarização em diferentes níveis. Os haitianos residentes em Porto Velho mantêm como língua de comunicação no interior do grupo apenas o crioulo haitiano que, aliás, é o idioma de 95% da população no Haiti (RODRIGUES, 2008), sendo o francês a língua dos demais 5%, uma língua de elite, um *status*, um signo do poder econômico e social.

Desde fevereiro de 2011, com a chegada do primeiro grupo, já passaram por Porto Velho mais de 1600 haitianos, dos quais cerca de 1200 ainda vivem aqui, o restante tendo migrado para outros estados brasileiros.

Quando do nosso envolvimento com os haitianos, tivemos diante de nós uma realidade com uma dupla característica: a urgência da necessidade de ajuda humanitária e a pesquisa científica. Começamos pela primeira, mas sem perder de vista a segunda.

As primeiras ações de ajuda humanitária aos haitianos em Porto Velho foram prestadas pelo governo estadual, por meio da Secretaria de Assistência Social – SEAS/RO, providenciando abrigo provisório em um ginásio de esportes e mediação com empresas a fim de contratá-los. A Igreja Católica esteve presente desde a entrada do primeiro grupo, por meio do Serviço Pastoral do Migrante, coordenado pela Ir. Ozânia, juntamente com a Paróquia São João Bosco, com visitas, conversas, orientações sobre o Brasil, dentre outras ações.

Embasados no olhar da Antropologia, especificamente, na noção do olhar e ouvir para escrever (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998), percebemos que a maior dificuldade dos imigrantes era vencer a barreira linguística. Como a Paróquia São João Bosco já havia tomado a iniciativa de começar um curso de português básico, ministrado por um haitiano que já aprendera a nossa língua, juntamo-nos a eles e criamos um projeto de extensão na Universidade Federal de Rondônia, denominado *Migração haitiana na Amazônia brasileira: linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho*, sendo seus principais objetivos o ensino da língua portuguesa, noções de história e geografia do Brasil e da Amazônia, noções de direitos humanos e trabalhistas, visando sua inserção social.

Aprendizado da língua portuguesa

A barreira da língua ainda é um entrave para muitos haitianos que residem em Porto Velho. Por meio do projeto de extensão supracitado, desde julho de 2011, ministramos aulas de português para os imigrantes. Já foram atendidos pelo projeto mais de 300 haitianos, sendo que, atualmente, há uma rotatividade grande, pois muitos começam o curso e desistem por três motivos, quais sejam: viajam para outros estados, começam a trabalhar à noite, ou mesmo os que acham que já aprenderam o suficiente. Deste modo, frequentam as aulas, hoje, cerca de 50 alunos.

É um desafio trabalhar com o ensino da língua portuguesa para um grupo tão heterogêneo como este. A turma é formada, majoritariamente, por homens, apenas 5% são mulheres, com faixa etária de 20 a 38 anos. O nível de escolaridade é caracterizado pelos extremos, ou seja, existem vários que nem completaram o ensino fundamental, outros com ensino médio incompleto, alguns poucos com ensino superior e, outros, semialfabetizados.

Boa parte dos que frequentam regularmente as aulas está aprendendo rapidamente o português, principalmente por falarem um pouco do espanhol, pois muitos moraram na República Dominicana. Por outro lado, notamos que parte significativa do grupo apresenta dificuldades em decorrência de alguns fatores, tais como: baixo grau de escolaridade; isolamento no *gueto* (resistência em interagir com os brasileiros); trabalho o dia inteiro em atividades extenuantes, dentre outros.

Percebemos que a escola, para os imigrantes haitianos, representa certo *status*, pois a maioria veste as melhores roupas para ir às aulas e todos têm muito respeito pela figura do professor. Além disso, o espaço da igreja que utilizamos para as aulas acaba sendo um lugar de encontros, é onde a rede de sociabilidade se fortalece; é o lugar onde as informações são trocadas; reuniões para emprego são realizadas e também assistimos à construção de laços de amizade e à manifestação das relações de parentesco.

Dentre os frequentadores, temos um grupo de 20 pessoas que estão desde o início do projeto e apresentam considerável domínio da língua, sendo que um deles conseguiu, há poucos dias, êxito na prova teórica de habilitação veicular, acertando 32 de 40 perguntas. Há depoimentos de alguns que conseguem melhores empregos pelo fato de já possuírem melhor domínio da língua. Outros já conseguem, com ajuda de dicionários e sites da internet, estudar mais em casa e com isso avançam no aprendizado.

Trabalho

No âmbito do trabalho, chamamos atenção sobre o que aqui denominamos via de duas mãos, ou seja, a relação entre haitianos e brasileiros. No setor empresarial há dois discursos, o primeiro, que chamaremos de positivo, encara e descreve os haitianos como “excelentes pessoas”, “honestos”, “não faltam ao trabalho”, “educados e humildes”; o segundo, negativo, os vê como “moles para o trabalho”, “somem sem dar satisfação”, “recorrem demais à Justiça do Trabalho”, “trocam de emprego de uma hora para outra”. Entre os haitianos há dois discursos predominantes, o de que existem oportunidades de trabalho e o de exploração no trabalho.

A respeito do discurso positivo, é sabido que os haitianos evitam as faltas, não têm envolvimento com roubos ou furtos e mantêm uma postura de boas relações sociais, respeitando as hierarquias. Do lado negativo, o que se sabe é que a “moleza” tem relação com o clima quente da cidade. Além disso, é necessário

considerar que chegaram ao Brasil debilitados pelos percalços da viagem, por isso a dificuldade em executar algumas atividades exigidas pelos empregadores locais. Já o fato de alguns terem abandonado o emprego sem dar satisfação, deve-se ao não conhecimento das leis trabalhistas brasileiras.

Ainda quanto à troca constante de emprego, a mesma justifica-se pela busca de melhores remunerações para a própria manutenção, assim como para poderem remeter ajuda aos familiares no Haiti. Sobre isso, cabe salientar que não é por mera negligência que trocam de empregos, mas pela necessidade de mais dinheiro para ajudarem pessoas com as quais estão interligados numa teia de relações que envolvem obrigações numa estrutura de parentesco. Essas trocas se dão também para empresas do Sul e do Sudeste, para onde muitos têm migrado, principalmente para os estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. A recorrência à Justiça do Trabalho decorre do fato de se sentirem lesados, o que em muitos casos procede, como temos verificado.

Como já mencionamos acima, a cidade de Porto Velho se encontra no auge do ciclo econômico das hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio, ambas no rio Madeira, empregando milhares de pessoas, mas ressaltamos que há apenas um grupo de cem imigrantes haitianos, contratados recentemente para trabalhar no canteiro de obras de Santo Antônio. Indiretamente, as hidrelétricas favorecem a empregabilidade pelo fato de requererem um elevado número de profissionais do ramo da construção civil, como pedreiros, pintores, ajudantes, encanadores, eletricitas, dentre outros, o que fez com que o trabalho no meio urbano apresentasse um superávit de vagas quando da entrada dos imigrantes na cidade.

Recrutados para o ramo da construção civil, os haitianos ocupam, majoritariamente, os ofícios de pedreiro e ajudante em prédios privados e obras públicas, por meio de empresas terceirizadas. Há ainda outros ramos em que membros do grupo vêm sendo inseridos, como na área alimentícia, tais como restaurantes, lanchonetes e pizzarias, além de pequenos mercados e supermercados. Por outro lado, constatamos que ainda há cerca de 20% de haitianos desempregados, entre os quais 50% são mulheres.

Nesse âmbito, o maior entrave tem sido registrado pelas mulheres, especialmente pelo fato da barreira linguística, pois majoritariamente falam apenas o crioulo e isso tem dificultado a inserção no mercado de trabalho. Acrescente-se o fato de não frequentarem o curso de português; parece haver uma “resistência” em aprender o nosso idioma, por razões que ainda não conhecemos. Em geral, as haitianas trabalham como diaristas, empregadas domésticas ou em restaurantes e lanchonetes. Muitas foram demitidas por conta da barreira linguística. Além disso, quase todas viveram apenas no país de origem, ao contrário de boa parte dos homens (35%), que antes de migrarem para o Brasil viveram na República Dominicana e aprenderam o espanhol, uma

língua de menor dificuldade de intercâmbio com os brasileiros em relação ao crioulo e ao francês. Temos, até o presente momento, mais de 120 mulheres e com elas 25 crianças, sendo 23 nascidas no Brasil, além de outras grávidas.

Observamos também que, por uma questão cultural, a mulher haitiana está circunscrita a um conjunto de regras sociais em relação ao homem, como aquela que é responsável pelos cuidados do lar e dos filhos, enquanto ao homem cabe a responsabilidade de ser o provedor. Existem as exceções, mas percebemos que esta característica está presente na maioria dos casais que conhecemos. Verificamos, ainda, que as mulheres haitianas residentes em Porto Velho, em sua maioria, têm menor grau de escolaridade que os homens, o que pode indicar uma pista para o fato de falarem majoritariamente apenas o crioulo, já que outrora o francês foi o idioma da alfabetização e escolarização no Haiti e, além disso, uma língua de *status*, um demarcador social (RODRIGUES, 2008).

Para melhorar ainda mais a inserção desses imigrantes no mercado de trabalho e minimizar problemas com as empresas locais, estamos realizando atendimentos individualizados, conversas e palestras sobre os tipos de contrato de trabalho no Brasil, férias, 13º salário, folgas, leitura de contracheque, pagamento de INSS, descanso semanal remunerado, faltas abonadas e não abonadas, atestado médico, coisas que para muitos de nós parecem óbvias, entretanto, para o imigrante requerem explicação detalhada. Isso tudo é feito com a ajuda de um voluntário da Paróquia São João Bosco, de agentes do Serviço Pastoral do Migrante (SPM) e de colaboradores do projeto de extensão da Universidade Federal de Rondônia, coordenado por nós.

Temos mantido contato com empresários e representantes de empresas no sentido de acompanhar o processo de inserção por meio do trabalho. Esse acompanhamento se dá com visitas às empresas com o objetivo de prestar informações sobre alguns costumes dos imigrantes, tais como o receio pela chuva, a religião, hábitos alimentares, esclarecimentos sobre o contrato de trabalho. Desta forma, nosso trabalho opera numa lógica de troca, na qual ao mesmo tempo em que prestamos informações sobre os imigrantes, os depoimentos dos empregadores sobre o processo de inserção social dos haitianos nos são disponibilizados e, assim, realizamos também o trabalho de ajuda humanitária.

Inserção social

Além do que já apontamos, há uma rede de sociabilidade haitiana em Porto Velho, a qual tem seu fluxo dinamizado pelas visitas aos amigos, frequência aos cultos religiosos evangélicos, contatos com brasileiros e entre membros do próprio grupo, idas a bares para assistirem aos jogos de futebol televisionados, idas ao *shopping center*. Entendemos isso como lazer.

Consideramos o lazer na perspectiva que Magnani (2000) o situa, como um momento em que as pessoas fazem uso do tempo livre, fora do contexto do trabalho, especialmente quando se reúnem para tomar parte em eventos que

dizem respeito ao contexto do lugar ou da vida dos envolvidos, como eventos festivos de aniversário ou casamento, rituais religiosos, futebol, numa lógica de sentido da tradição dos grupos em questão. No contexto aqui tratado, o lazer acontece numa área de confluência de três bairros, próximos à região central, onde há maior concentração de haitianos.

O que percebemos é que a ocupação e a utilização do espaço e de seus recursos acenam-nos, com limitações, para a construção do que Magnani (2000) chamou de “pedaço”, ou seja, lugar onde membros de um determinado grupo obtêm e repassam informações, encontram amigos, tecem alianças, fortalecem a rede de sociabilidade do grupo, participam do lazer, vivenciam os conflitos e, para quem é de “fora”, ao transitar nesse contexto o faz de maneira circunspecta, tensa, dramática. Para o autor, o campo de observação foi a cidade de São Paulo, em diferentes lugares; para nós é Porto Velho onde, apesar da diferença de personagens e contextos, constatam-se semelhanças. É nesse “pedaço” que encontramos mais da metade dos haitianos residentes em Porto Velho, transitando a pé, de bicicleta ou reunidos em grupos de três a cinco, homens e mulheres, às vezes crianças, em frente a suas residências, nos “orelhões” em telefonemas para os familiares no Haiti, ou falando ao celular com amigos na cidade ou em outros estados brasileiros, conversando e gesticulando à sua maneira. É onde parecem se sentir à vontade.

No âmbito da religião, o que temos no momento é um quadro dicotômico, qual seja: há católicos e evangélicos. Os católicos são em menor número, frequentam as igrejas e mantêm um discurso de boa convivência com os evangélicos na cidade. Há duas vertentes de evangélicos, uma que frequenta os templos juntamente com brasileiros (Batista, Assembleia de Deus, Adventista do Sétimo Dia, etc.) e os que congregam apenas entre haitianos, num misto do que poderíamos chamar de sincretismo evangélico, ou seja, são pessoas que se professam convertidos em diferentes denominações protestantes, mas congregam juntos no mesmo templo.

Considerações finais

Diante do que foi relatado, compreendemos que o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho é caracterizado por um conjunto de fatores diversos, marcado por dificuldades e esforços por parte do grupo, que contou, ao longo de pouco mais de um ano, com o auxílio de pessoas e entidades preocupadas com o respeito aos Direitos Humanos e empenhadas na ajuda humanitária. Dificuldades existem, mas há também a luta para vencê-las e a esperança e expectativa por dias e condições melhores.

Por meio do projeto de extensão, da ajuda humanitária e da pesquisa de campo, temos a oportunidade de conhecer mais de perto a realidade do grupo, entender alguns de seus costumes, aprender um pouco a sua língua, apreender algo de suas relações de gênero, parte de seu universo religioso e simbólico.

Certamente, há muito que ainda não sabemos e coisas que não saberemos. Na perspectiva da alteridade, ou seja, ver o outro e procurar entendê-lo de maneira integral, respeitando seus valores, por meio de nosso empenho em aprender o crioulo e os esforços para nos comunicarmos nesta língua, tem sido importante para a construção de uma relação de confiança que desenvolvemos até o presente momento.

Tudo isso nos assegura o respeito junto ao grupo e isso só tem sido possível por meio de um acordo com duas cláusulas tácitas: *pa fé pwomès* e *pa pale manti*, ou seja, não fazer promessa e não falar mentiras, ser transparente e objetivo com as informações prestadas. As diferenças existem. No entanto, é quando nos colocamos na condição do outro e nos esforçamos por uma relação horizontal que conseguimos compreender e ver o seu mundo de maneira semelhante a partir de sua perspectiva, com suas tristezas e angústias, ao mesmo tempo com suas alegrias e euforias.

Notas

1 - Disponível em: < <http://hdr.undp.org/en/media/PR3-HDR10-HD1-PT.pdf> >. Acesso em: 28 dez. 2011.

2 - Esta informação tem por base os relatos dos primeiros haitianos que chegaram à cidade.

3 - Fonte: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=11>. Acesso em: 5 abr. 2012.

Referências

- BORZACOV, Yêdda Pinheiro. *Imagens de Rondônia: a fotografia documenta a história*. Porto Velho: Gráfica Primmor Formulário da Amazônia, 2011.
- CÂMARA, Irene Pessôa de Lima. *Em nome da democracia: a OEA e a crise haitiana - 1991-1994*. Brasília: Instituto Rio Branco; Fundação Alexandre de Gusmão; Centro de Estudos Estratégicos, 1998.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (org.). *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: UNESP/Paralelo 15, 2ª Edição, 1998, p. 17-35.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor & TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2000.
- MANIGAT, Leslie. Haiti: da hegemonia francesa ao imperialismo americano. In: FERRO, Marc (org.). *O livro negro do colonialismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. Tradução de Joana Angélica D'Ávila Melo.
- RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. *Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ROSA, Renata de Melo. Subjetividade e subversão do racismo: um estudo de caso sobre os haitianos na República Dominicana. In: *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana/ REMHU*, Brasília, ano XVIII, nº 34, p. 99-112, jan./jun. 2010.